

ALÉM DA *MISSIO AD EXTRA*

Cruzar fronteiras, habitar periferias, abrir caminhos

de Estêvão Raschiatti
rasquio@yahoo.com.br

RESUMO: A missão ad extra é colocada muitas vezes em xeque por atuações renunciatórias, ambíguas ou protocolares. No entanto, ela deveria representar um desafio permanente de sair de própria identidade cultural, sem se restringir apenas a uma viagem entre territórios geográficos. As fronteiras hoje são múltiplas, invisíveis e excludentes, se entrepondo a realidades humanamente extremas dentro de contextos socioculturais aparentemente homogêneos. Uma missão ad extra hoje aponta muito mais à necessidade de cruzar as fronteiras do conformismo e da acomodação, convocando as missionárias e os missionários a habitar as periferias existenciais, para abrir caminhos de solidariedade e esperança com um “coração sem fronteiras capaz de superar as distâncias de proveniência, nacionalidade, cor ou religião” (FT 3).

ABSTRACT: Mission ad extra is often put in check by renunciatory, ambiguous or protocol actions. However, it should represent a permanent challenge of leaving one's own cultural identity, without being restricted to just a journey between geographical territories. Borders today are multiple, invisible and exclusionary, interposed with humanly extreme realities within apparently homogeneous socio-cultural contexts. A mission ad extra today points much more to the need to cross the boundaries of conformism and accommodation, calling missionaries to inhabit the existential peripheries, to open paths of solidarity and hope with a “openness of heart, which knew no bounds and transcended differences of origin, nationality, color or religion” (FT 3).

Missio ad extra é uma daquelas expressões consagradas relacionadas à *missio ad gentes* (RMX 12), em sua concepção originária da cristandade, que aponta para o “*princípio missionário de saída*”, “*fora do nosso ambiente, cultura e igreja de origem*” (C 9). Caracteriza também uma determinada orientação dos institutos missionários em ordem à assim-chamada “primeira evangelização”. *Ad extra* não deveria designar apenas um movimento

geográfico, mas também um movimento interior, um “*êxodo espiritual, cultural, afetivo*” que leva o/a missionário/a a se tornar “*estrangeiro, hospede junto a outros povos*” (RMX 12.2).

Sem dúvida, esse elemento genuinamente evangélico, constitui algo convergente, e ao mesmo tempo muito peculiar, ao princípio da “*Igreja em saída*” do Papa Francisco, dirigido a toda Igreja “*por sua natureza missionária*” (AG 2), de portas abertas (EG 46), chamada a tomar iniciativa de ir ao encontro de todos (EG 24), pois

a missão do anúncio da Boa Nova de Jesus Cristo tem destinação universal: seu mandato de caridade alcança todas as dimensões da existência, todas as pessoas, todos os ambientes e todos os povos. Nada do humano pode lhe parecer estranho (DAp 380).

Ao mesmo tempo, a tensão *ad extra* evoca necessariamente o seu corresponsivo *ad intra* na centralidade de Cristo para cada chamado missionário (ECHARTE, 2006, p. 79). Com efeito, Francisco lembra que o discípulo missionário é um “*descentrado*” pois o centro é Jesus Cristo, que convoca e envia (FRANCISCO, 2013). Essa saída é uma partida de si e ao mesmo tempo uma opção radical de fé e de seguimento de Jesus, que nos convida encontrá-lo nos pobres (DAp 257) e nos outros (EG 272), numa comunhão itinerante com ele (EG 23) e na cooperação com a Sua missão (EG 12).

E aqui podemos já configurar um primeiro critério de discernimento sobre a validade, o sentido e a atualidade da *missio ad extra* hoje, uma espécie de “*profunda lei da realidade*” (DAp 359.360): não se sustenta nenhum *ad extra* sem um *ad intra*, assim como não há missão sem discipulado e vice-versa.

DEUS, PÁTRIA, FAMÍLIA

Esse critério, dado apressadamente como óbvio, é de fato questionado não no seu fundamento, mas elegantemente e lateralmente em suas implicações existenciais. Demasiadas vezes a *missio ad extra* é postergada, relativizada ou ressignificada pelos

consagrados/as, particularmente das jovens gerações – mas não somente – com quaisquer desculpas ou motivação muito bem pensada. Será que isso é um indício de uma “*crise de fé*” (RMi 2), ou melhor, de uma falta de “*maturidade da fé*” (RMi 50) habilmente maquiada por “*um mundanismo espiritual que se esconde por detrás de aparências de religiosidade*” (EG 93)? O fenômeno me parece bastante evidente.

Normalmente, a tríade integrista “Deus, Pátria, Família” serve como base para esquivar-se do compromisso do envio além-fronteiras, circunstância sempre mais frequente e, ao que parece, aceita com naturalidade por parte das instituições missionárias, apesar da retórica de seus representantes. A busca por uma segurança afetiva no clá, o anseio por um ambiente identitário onde administrar facilmente as relações e a aspiração pela gestão clerical do sagrado, são de fato elementos ou tentações que impedem de viver evangelicamente um processo de saída. Pode-se admitir que necessitamos também de pontos de referência desse tipo, com algumas reservas pelo último, mas nada deveria tornar inviável ou insignificante o envio missionário *ad extra*. Infelizmente, porém, na América Latina, a tríade “Deus, Pátria, Família” representa o primeiro grande empecilho que inibe uma entrega generosa à missão em outros países e continentes.

Contudo, essa não é a única ocorrência que podemos enxergar. Há paradoxalmente uma maneira de se projetar *ad extra* para buscar principalmente vantagens pessoais que não se encontram na própria Pátria e Família. Eis então que há centenas de missionários/as, particularmente da África e da Ásia – mas não somente – para os quais o *ad extra* significa um salvo-conduto para migrar e procurar um bem-estar que por outros caminhos não seria alcançável. Procura-se lugares e condições que garantam um certo conforto, longe dos pobres e das periferias, mas com pinta de estar fora do próprio ambiente, cultura e igreja de origem. Desta maneira, as instituições missionárias se prestam ao papel de agências de recolocação, tentando certamente perseguir seus objetivos, mas percebendo depois de não muito tempo, as intenções espúrias de uma parte significativa de seus afilhados.

Enfim, há a maneira mais clássica de descaracterizar a *missio ad extra*, que é também a mais oculta e sombria. O missionário, particularmente europeu da velha guarda – mas não somente – se reveste de uma áurea de herói para atravessar os mares e salvar as almas, os pagãos, os pobres, os deserdados. Ele *sai* de sua Pátria para “conquistar”, e assim “expandir” os confins de seu próprio desejo e universo identitário. Trata-se da missão colonial, que representa uma saída apenas geográfica, mas não um êxodo interior: jamais o missionário desse matiz coloca em discussão sua maneira de pensar, sua superioridade, seu jeito ser. Aonde ele for, vai afirmar a si mesmo, sua cosmovisão, seu Deus, sua Pátria, sua Família, enaltecendo suas origens e, não raramente, desprestigiando o povo que o hospeda.

Essas três situações, nos sugerem que a expressão *missio ad extra*, assim como a *missio ad gentes*, pode ser desvirtuada, tornando-se um chavão vazio de sentido, se não for conjugado com uma avaliação articulada e correlata que lhe permita ganhar espessura de significado, relevância e entendimento. Desta maneira, é preciso sim adotar uma perspectiva missiológica que procura ir além e a fundo da definição de *missio ad extra*.

NUNCA FOI FÁCIL SAIR

Evidentemente, sair do próprio mundo nunca foi fácil para ninguém e nem tão espontâneo como podemos acreditar. A parábola da primeira comunidade apostólica pode ser uma testemunha confiável e paradigmática disso que estamos tratando. Com efeito, a saída dos discípulos do Ressuscitado do âmbito judaico, de suas perspectivas, de suas expectativas e de seus horizontes, foi algo de dramático, sofrido, inesperado e, no final, surpreendente.

Lucas¹, terminando o seu Evangelho e começando o seu segundo livro, retrata uma comunidade perfeitamente acomodo-

¹ A perspectiva desse autor é a que particularmente enfatiza a passagem dramática da comunidade dos discípulos do mundo judaico ao mundo helenista. Já outros autores do segundo testamento, tomam outras direções e desenvolvem outras narrativas teológicas.

dada dentro das estruturas religiosas de seu tempo, as mesmas que tinham colocado a morte Jesus, sem qualquer indício de crise ou de possibilidade de ruptura. De fato, depois da aparição do Ressuscitado, os discípulos *“voltaram a Jerusalém com grande alegria e estavam continuamente no templo louvando a Deus”* (Lc 24,52-53). E após o Senhor ter-lhes falado sobre o Reino durante quarenta dias, ainda perguntaram: *“é agora o tempo em que irás restaurar o Reino de Israel?”* (At 1,6).

Nem a descida do Espírito Santo e nem o duro confronto com o Sinédrio levaram o grupo do *Nazoreu* a se distanciar de suas matrizes identitárias: muito pelo contrário, o ideal que alimentava suas esperanças foi sempre o de um Israel reconstituído e renovado em sua totalidade, onde não havia em si lugar para os pagãos. Mas aos poucos, foram abandonando essa perspectiva ao passo que o Espírito orientara a comunidade apostólica em direção dos outros. A narração de Lucas mostra como os caminhos se abriram a começar da perseguição contra os judeus de origem grega (At 8,1), por meio de encontros ocasionais com samaritanas, com os tementes a Deus e, enfim, com não-judeus.

Essa jornada procedeu de maneira dramática entre erros e acertos, conflitos e acordos, avanços e recuos. O embate entre a visão paulina e a patrulha dos zeladores da Lei que tinham abraçado a fé (At 21,20), chegou a níveis extremamente agressivos. Foi difícil e doloroso *sair* para partilhar a mesma fé num ambiente intercultural, repleto de inevitáveis hostilidades, desavenças, antagonismos, que obrigava a abrir mão das dimensões mais sagradas da própria tradição.

Os Atos dos Apóstolos contam uma história que poderia ter como epígrafe a paráfrase de Mt 16,25: *“quem quiser salvar sua identidade cultural, vai perdê-la; e quem quiser perder sua identidade cultural por causa de mim, a encontrará”*. O processo *ad extra* conduziu de fato a primeira comunidade cristã a um câmbio paradigmático e a um trânsito epocal de uma fé de matriz judaica para uma fé processada na cultura helenista.

O evangelista Lucas acredita essa passagem à ação do Espí-

rito, enquanto os discípulos cumprem o papel de testemunhas chamados a conferir o que vai acontecendo (Lc 24,48; At 1,8). Assim Pedro é chamado a atestar a descida do Espírito sobre os pagãos: *“apenas começara eu a falar, desceu o Espírito Santo sobre eles, assim como nós no princípio (...) Deus lhes concedeu o mesmo dom que a nós que cremos no Senhor Jesus Cristo, quem seria eu para impedir a Deus de agir?”* (At 11,15-17).

Desta maneira, sempre segundo a perspectiva lucana, é o Espírito que literalmente empurra a comunidade discipular para fora: não foi uma iniciativa espontânea, nem nasceu de um desejo de expansão e de proselitismo, mas surgiu de uma atitude de escuta, docilidade e percepção da irrupção de Deus no meio dos outros que gerou abertura, reconhecimento e acolhida.

CRUZAR AS PRÓPRIAS FRONTEIRAS

O que nos aponta essa narração dos Atos dos Apóstolos é o significado e a relevância do percurso da comunidade primitiva de Jerusalém “até os confins da terra”, até compreender que os “outros” – os pobres considerados “pecadores”, os samaritanos considerados “impuros”, os tementes a Deus considerados “impedidos”, os pagãos considerados “idólatras” – pudessem ser também merecedores das promessas de Deus ao seu povo, sem se converter ao judaísmo.

Foi um caminho de aprendizagem, iniciado com o seguimento do Mestre e continuado depois da ressurreição do Senhor. Uma missão universal às nações *ad extra* não foi contemplada pelo ministério de Jesus de Nazaré: ele não deu nenhuma indicação de como deveria ser realizada e nem quem deveria realizá-la. Os envios missionários no final dos Evangelhos sinóticos, fazem parte das narrações das aparições de Jesus ressuscitado: *“Jesus na realidade não foi o primeiro missionário para os gentios (...) a conexão entre o ministério de Jesus e a atividade missionária pós-pascal da Igreja é mais sutil, mais evolucionária, mais enraizada na dinâmica da história”* (SENIOR; STUHLMUELLER, 1987, p. 190).

Com efeito, se Jesus foi o catalizador que causou o início da consciência missionária da igreja primitiva, modelando sua mensagem baseada no anúncio do Reino de Deus e na compaixão para com *todos* os pobres (Lc 4,26; 6,20), os pecadores (Jo 8,11), os enfermos (Mt 11,5), as prostitutas (Lc 7,37), os excluídos (Mc 1,41), os inimigos (Mt 5,44), os pagãos (Mt 8,10; 15,21-28), por outro lado a hesitação da comunidade apostólica em se abrir aos gentios denunciava o fato de que os discípulos não estavam suficientemente – ou por nada – preparados para essa tarefa.

Tiveram que *aprender* a empreender uma nova jornada, não sabendo exatamente onde ia parar: tiveram de cruzar suas fronteiras (*ad gentes*), para aprender a desaprender uma maneira de se dirigir aos outros (*contra gentes*) e reaprender novamente a relevância da mensagem de Jesus, ressignificada à luz do encontro com os outros (*inter gentes*).

Desta maneira os confins da terra se apresentaram diante deles como fronteiras a serem cruzadas, como limiares entre o mundo deles e o mundo dos outros, como linhas identitárias de demarcação, de definição e de separação que se tornaram *entrelugares* para costurar vínculos, enxergar possibilidades, criar oportunidades, adquirir conhecimentos, fomentar diálogos, ocasionar convivências, provocar mudanças profundas de mentalidade. As fronteiras apresentam-se sempre em suas ambivalências entre a tutela da própria identidade/pertença e a abertura à alteridade/diferença em suas múltiplas matrizes linguísticas, culturais, sociais, religiosas, políticas, econômicas, ideológicas. Nas fronteiras forças centrípetas e forças centrífugas se alternam entre medos e destemores, prudências e ousadias, retrancas e alavancas.

No entanto, há um aspecto sombrio quando passamos a considerar a natureza das fronteiras geopolíticas do *mapa-múndi* contemporâneo, que costuram a concha de retalhos arlequina composta pelos estados-nação criados entre o século XIX e XX, e espalhados nos diversos continentes. Essas linhas divisórias do mundo atual remontam menos a fatores históricos, culturais ou étnicos e mais a processos violentos de colonização e de domi-

nação impulsionados pelo Ocidente cristão. A *fronteira-mãe* de todas as fronteiras é constituída ainda hoje pela “*linha abissal*” (SOUSA SANTOS, 2010) e pela relação estruturalmente assimétrica entre metrópoles e colônias, que se reflete consequentemente na distinção controversa entre “países cristãos” e “terras de missão”. A *missio ad extra*, concebida dentro do paradigma da missão moderna, jamais conseguiria se desvencilhar da perspectiva da conquista colonial.

Hoje, a Teologia da Missão se vê obrigada a ressignificar seus termos e suas referências terminológicas, simbólicas e conceituais diante de uma nova realidade, de uma nova sensibilidade e de uma nova conjuntura geopolítica. Superar uma mentalidade moderna eurocentrada é uma tarefa bastante árdua. Quando a configuração da subjetividade e da alteridade se dá através de um dispositivo de poder, o outro é negado sistematicamente e de várias maneiras. Para tentar resgatá-lo e reconhecê-lo em sua identidade, é necessário ter consciência dos processos de dominação que nos definem, que estão interiorizados-naturalizados em nós, e sobre os quais devemos dedicar-nos a enxergá-los e a expurgá-los através de um exercício de paciência, escuta e humildade.

Para isso, cruzar fronteiras não significa apenas uma travessia exterior e/ou interior para outros países, culturas e igrejas. À luz do que argumentamos até aqui, o *ad extra* assume principalmente o significado mais profundo e penitencial de uma tomada de consciência do peso histórico das fronteiras, que implica tocar visceralmente a realidade do outro lado da história, as feridas sociais, culturais, religiosas, epistêmicas e de todos os âmbitos da vida de povos e de pessoas que foram crucificadas, empobrecidas, silenciadas, descartadas e negadas. Nesse sentido, esse movimento *em saída* corresponde a uma inquietante e intensa conversão pascal em termos de uma metanoia.

HABITAR AS PERIFERIAS

Contudo, esse processo não se limita a ultrapassar as fronteiras no vaivém de uma pesquisa de campo, de uma prestação de

serviço ou de um passeio turístico, por quanto ilibadas e empáticas forem as intenções de quem eventualmente empreende esse tipo de atividade. Nem talvez a própria imagem do missionário como “*hóspede junto a outros povos*” (BEVANS, SCHROEDER, 2016, p. 60; RMX 12.2) parece apropriada, pois a situação do visitante remete sempre a algo de passagem, que não chega a pertencer de fato a um povo, a uma história e a um contexto.

Nesse sentido, a perspectiva inovadora da missão entendida como cooperação intereclesial, sobre a qual nos debruçarmos em outras ocasiões, encontra aqui o seu limite, ou se quisermos, o seu calcanhar de Aquiles: a missão não pode ser reduzida a tarefa ou a obra, como sugere o termo “cooperação”, que se explicita em oferecer uma colaboração no âmbito pastoral, teológico ou administrativo a outra Igreja. Não há verdadeira missão sem um mergulho profundo numa realidade local, sem chegar muito próximo a uma verdadeira pertença/convivência de corpo e alma, reconhecida pelo povo que acolhe.

O chão onde esse mergulho missionário acontece é jesuanamente um lugar de periferia, um “confim da terra”, uma Galileia marginalizada, mestiça, sincrética, empobrecida, marcada pela exclusão, pela expropriação, pela violência e pelo esquecimento. Francisco convida continuamente a Igreja a sair em direção às periferias, para não correr pelo mundo afora sem direção e sem sentido (cf. EG 46). As constituições xaverianas complementam um acréscimo qualitativo e essencial para a *missio ad extra*: “*fiéis às preferências de Cristo, dirigimo-nos em particular, entre os não cristãos, aos destinatários do Reino: os pobres, os fracos, os marginalizados pela sociedade, as vítimas da opressão e da injustiça*” (C 9).

A palavra “confins” utilizada por Lucas, corresponde ao grego “*eschátou*”, “últimos”, aplicada também aos “últimos tempos”, aos “últimos dias” num sentido exatamente escatológico. Por analogia, faz sentido enxergar uma correspondência também de tipo sociológico e antropológico, à luz de Mt 25,31-46, onde os pequenos e os pobres assumem um papel de “últimos” no tempo histórico e de “*ultimatum*” no juízo final.

Desta maneira, toda universalidade da *missio ad extra* estendida a todas as nações até os confins da terra, acaba necessariamente aterrizando numa realidade última, concreta, extrema, esquecida, excluída e marginalizada. Nela a Igreja, antes de querer se tornar “*casa dos pobres*” (Dap 8; 524), é chamada em primeiro lugar a *entrar* na casa dos pobres, como peregrina, aprendendo a *ser* uma Igreja pobre como desejava Medellín: “*a pobreza da Igreja e de seus membros deve ser sinal e compromisso: sinal do valor inestimável do pobre aos olhos de Deus; compromisso de solidariedade com os que sofrem*” (DM XIV, 7).

Isso implica necessariamente um processo de aproximação que leva a *habitar* as periferias, tecendo vínculos de amizade (cf. Dap 398), *sentipensando* a partir do chão dos marginalizados, *corazonando* com o coração deles, partilhando sua cosmovisão, vivendo intensamente seu cotidiano. Em outras palavras, deixar que a periferia habite em nós. “Habitar” significa *pertencer*, embrenhando-se, tocar com mão o desencanto, as divisões, os conflitos e as lacerações produzidas pela diáspora fronteiriça, enraizada na história, no corpo e no cotidiano das mulheres violentadas, dos migrantes despossuados, dos trabalhadores explorados, dos anciãos desassistidos, dos jovens desesperançados, das famílias desabrigadas, dos milhões de injustiçados por razões de gênero, raça, etnia, classe social, que vivem na carne a violência colonial. Por isso, as periferias, assim como as fronteiras, não são um lugar fácil de se viver, pois nesses confins do humano as enviadas e os enviados por Jesus são chamados penitencialmente a descalçar-se e a desaparecer, vivendo e aprendendo a se tornar próximos a condições de esquecimento, de injustiça e de desumanidade.

Esse êxodo não exige apenas uma grande generosidade e uma tremenda ousadia. Impele sobretudo a adotar uma profunda humildade feita de escuta, de atenção, de acolhida, de respeito, de reconhecimento e de serviço, para que possa emergir a voz dos invisíveis, dos descartáveis e dos excluídos, seus anseios e seus desejos de se tornarem sujeitos da própria história, e com isso “*despertar a esperança no meio às situações mais difíceis, porque, se não há esperança para os pobres, não haverá pra ninguém*” (PG 67; Dap 395).

ABRIR CAMINHOS

Se a Igreja missionária em saída vive constantemente uma condição de *“êxodo contínuo (...) através dos vários desertos da vida e das várias experiências de fome e sede de verdade e justiça”* é porque é chamada a *“fazer sentir ao homem sedento de infinito a sua condição de exilado a caminho da pátria definitiva, pendente entre o ‘já’ e o ‘não ainda’ do Reino dos Céus”* (FRANCISCO, 2017, 6). A Igreja habita esse mundo como peregrina, mas ela não é deste mundo: ela é enviada *ad extra*, ao mundo, como estrangeira, e seu caminhar assinala sempre para outro mundo, um mundo sem fronteiras, uma pátria definitiva (cf. Hb 13,14). Neste sentido, *“a missão adverte a Igreja de que ela não é fim em si mesma, mas instrumento e mediação do Reino”* (FRANCISCO, 2017, 7), ou seja, sempre em tensão comprometida com um mundo novo, um novo estado de coisas, uma nova maneira de ser, de viver, de estar junto com os outros (EN 23).

Quando a Igreja perder o faro dessa tensão, estabelece-se como cidadã deste mundo, se perde no tempo, torna-se autorreferencial, mundaniza-se sacralizando sua autoridade, suas doutrinas, sua visibilidade. Torna-se “centro” repudiando as periferias. Perde a esperança nos pobres e nos outros, chegando a condescender com os poderes deste mundo.

Assim como para a Igreja, a missão é a condição existencial fundamental de cada discípulo/a missionário/a que anuncia com sua vida a vinda de um Reino para todos. É uma condição que aponta continuamente para uma superação, uma mudança e uma transformação rumo ao *“um novo céu e uma nova terra”* (Ap 21,1), através da construção de uma sociedade justa e solidária para todos, a caminho de um *shalom* bíblico de vida plena e de plenitude cósmica.

A indignação e o envolvimento contra todas as situações desumanas que são incompatíveis com o Reino da Vida que Cristo veio trazer (DAp 358), levam a um engajamento esperançoso com *“um dinamismo de libertação integral, de humanização, de reconciliação e de inserção social”*, porque *“Deus em Cristo não redime só a*

peessoa individual, mas também as relações sociais entre os seres humanos” (DAP 359): “a proposta do Evangelho não consiste só numa relação pessoal com Deus (...) a proposta é o Reino de Deus”, porque “na medida em que Ele conseguir reinar entre nós, a vida social será um espaço de fraternidade, de justiça, de paz, de dignidade para todos” (EG 180).

A *missio ad extra* é também um chamado a se projetar para fora e para um além, desvendando horizontes, abrindo caminhos inexplorados e outros mundos possíveis, fomentando um movimento de evolução, de crescimento, de avanço, de mudança, de busca de um “bem viver” que pode acontecer na história. O mundo globalizado no qual vivemos parece ter perdido de vista seu horizonte, reduzindo suas expectativas, encolhendo seus sonhos e suas esperanças, vivendo de objetivos fragmentários a curto prazo: “a história – diz o Papa – dá sinais de regressão” (FT 11).

Contudo, Francisco convida continuamente a Igreja a superar a tentação de se fechar, de se encolher, de condenar e de tratar de forma reativa os problemas complexos que surgem no mundo de hoje. Ao contrário, é preciso sair, criar hábitos proativos (cf. FRANCISCO, 2013), enxergar oportunidades e não apenas ameaças, discernir certamente, mas caminhando na esperança e “se abrindo aos grandes ideais que tornam a vida mais bela e digna” (FT 55).

Isso implica também e principalmente ter um “coração sem fronteiras, capaz de superar as distâncias de proveniência, nacionalidade, cor ou religião” (FT 3), capaz de se libertar de “todo desejo de domínio sobre os outros” (FT 4) e capaz de sonhar com um mundo “como uma única humanidade, como caminhantes da mesma carne humana, como filhos desta mesma terra que nos alberga a todos, cada qual com a riqueza da sua fé ou das suas convicções, cada qual com a própria voz, mas todos irmãos” (FT 8).

A adesão a uma perspectiva missionária decolonial não pode cair na armadilha de promover políticas identitárias ou nativistas: uma missão *pluriversal*, que procura pelo caminho da interculturalidade e da reciprocidade um intercâmbio de experiências, valores

e cosmovisões além de um “*paradigma tecnocrático dominante*” (LS 101), luta sempre contra toda forma de domínio, sempre engajada com as causas maiores, com o cuidado com a Mãe Terra, com a solidariedade com outros povos oprimidos e com a integração com as mais diversas dimensões da vida.

Nesse sentido, uma missão que derruba muros e constrói pontes, busca sempre uma inserção no local em comunhão com o global (FT 142) e uma interligação entre as dimensões pessoal, relacional, social e cósmica (LS 91, 117, 138, 240). Não se trata de promover um universalismo abstrato, como um presumível pretexto para homogeneizar, nivelar e dominar (FT 100). Fundamento de um “*coração sem fronteiras*” (FT 3) é simplesmente o humano: “*dar-se conta de quanto vale um ser humano, de quanto vale uma pessoa, sempre e em qualquer circunstância*” (FT 106).

CONCLUSÃO

A *missio ad extra* até os extremos da terra representa ao mesmo tempo um chamado na ótica da *missio ad gentes* assim como a origem, a meta e o conteúdo de toda identidade e atividade eclesial. Essa tensão “em saída” faz parte do único mandato de Jesus a seus discípulos: “*Ide, portanto, e fazei discípulos todas as nações*” (Mt 28,19). A Igreja vive e se articula unicamente para fora de si e para cumprir essa tarefa até os últimos confins e até o fim dos tempos. A Igreja será plenamente e verdadeiramente Igreja quanto mais será capaz de se dar aos outros cruzando toda fronteira, habitando toda periferia e se abrindo a todo horizonte do humano.

Ao caracterizar de modo especial a dimensão universal da Boa Nova de Jesus, a *missio ad extra* não pode ser reduzida a um envio missionário de um país para outro, prática que pode ainda repropor uma configuração colonial de conquista, de expansionismo cristão (*plantatio ecclesiae*) ou ainda de voluntarismo salvacionista. O *ad extra* deve inspirar dimensões muito mais profundas, proféticas e irrenunciáveis para práxis cristã, do que um ensejo expedicionário protocolar vinculado a projetos de cooperação missionária.

Em primeiro lugar, uma *missio ad extra* autêntica deve ser expressão de algo *ad intra* que não se contém, que transborda e que precisa sair. Na medida em que esse “algo” se torna um chamado mais forte de qualquer vínculo ou interesse pessoal, se converte em um “centro” que projeta a pessoa para fora, para além de si e para dar de si. Então podemos enxergar nessa saída uma força centrífuga espiritual que transforma, que desafia, que se torna legado “*de um bem que humaniza e que ajuda a levar uma vida nova: não há nada melhor para transmitir aos outros*” (EG 264).

Em segundo lugar, a *missio ad extra* se revela como um caminho discipular de aprendizagem: no encontro com o outro e com o pobre, o enviado é como que compelido a transformar-se, a se converter, a amadurecer, a colocar em discussão suas convicções, a cruzar fronteiras para um outro nível de compreensão. Essa metanóia é um processo constante, profundo e sem fim:

cada vez que nos encontramos com um ser humano no amor, ficamos capazes de descobrir algo de novo sobre Deus (...) A tarefa da evangelização enriquece a mente e o coração, abre-nos horizontes espirituais, torna-nos mais sensíveis para reconhecer a ação do Espírito, faz-nos sair dos nossos esquemas espirituais limitados. (EG 272)

Em terceiro lugar, a *missio ad extra* implica necessariamente mergulho batismal e pascal em uma realidade de periferia: isso significa fazer a opção de *habitar* os contextos marginais e de renascer neles, desenvolvendo “*o prazer espiritual de estar próximo da vida das pessoas, até chegar a descobrir que isto se torna fonte de uma alegria superior*” (EG 268). Esse processo de uma progressiva *per-tença* efetiva e afetiva, se dá em ser acolhido/a como peregrino/a que veio a partilhar e a servir a vida, rumo à plenitude.

Enfim, a *missio ad extra* aponta para uma abertura universal a todos os horizontes, a todos os saberes, a todas as culturas e a todos os povos. O desejo de se projetar além é instigado pela curiosidade e pelo interesse que, se não forem sintoma de desejo de conquista, é um sinal singelo de amor e de interesse pelo outro e pela vida:

não é possível ser saudavelmente local sem uma sincera e cordial abertura ao universal, sem se deixar interpelar pelo que acontece noutras partes, sem se deixar enriquecer por outras culturas, nem se solidarizar com os dramas dos outros povos. Na realidade, toda a cultura saudável é, por natureza, aberta e acolhedora. (FT 146)

Os confins da terra representam um contínuo convite a uma abertura a tudo e ao todo, ao novo, ao inesperado, ao desconhecido, ao subversivo:

queremos ser uma Igreja que serve, que sai de casa, que sai dos seus templos, que sai das suas sacristias, para acompanhar a vida, sustentar a esperança, ser sinal de unidade (...) para lançar pontes, abater muros, semear reconciliação (FT 276).

Nessa jornada *ad extra* o mais importante não será o que a Igreja será capaz de realizar em ações e obras, mas sempre o que a Igreja será capaz de se tornar.

PARA REFLETIR

- Ao avaliar as nossas experiências de vida, quais fronteiras tivemos que cruzar, aprendendo, desaprendendo, aprendendo de novo a lidar com os pobres e com os outros?
- Quais são hoje as periferias existências que qualificariam verdadeiramente uma missão *ad gentes*, *ad extra* e *ad vitam*?
- Sobre quais projetos missionários deveríamos nos debruçar, para nos tornar uma comunidade missionária que abre caminhos de solidariedade e que alimenta a esperança?

SIGLAS

C	Constituições Xaverianas
DAp	Documento de Aparecida
DM	Documento de Medellín
EG	Evangeli Gaudium
EN	Evangeli Nuntiandi

FT	Fratelli Tutti
LS	Laudato Si
PG	Pastores Gregis
RMi	Redemptoris Missio
RMX	Ratio Missionis Xaveriana

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BEVANS, Stephen B.; SCHROEDER, Roger P. **Diálogo Profético**. Reflexões sobre a missão cristã hoje. São Paulo: Paulinas, 2016.

ECHARTE, Ignacio. Appunti su San Francesco Saverio. In: MISSIONARI SAVERIANI. **Convegno sulla spiritualità xaveriana**. Taverne-rio, CO, 2006. Roma: Missionari Saveriani, 2006, p. 77-89.

FRANCISCO. **Discurso do Santo Padre aos bispos responsáveis do Conselho Episcopal Latino-Americano por ocasião da Reunião Geral de Coordenação**. Rio de Janeiro, Domingo, 28 de julho de 2013. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/july/documents/papa-francesco_20130728_gmg-celam-rio.html>. Acesso: 4 dez. 2023.

_____. **A missão no coração da fé cristã**. Mensagem para o Dia Mundial das Missões de 2017. Roma, 4 jun. 2017. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/missions/documents/papa-francesco_20170604_giornata-missionaria2017.html>. Acesso: 17 dez. 2023.

SENIOR, Donald; STUHMUELLER, Carroll. **Os fundamentos bíblicos da missão**. Tradução de Anacleto Alvarez. São Paulo: Paulinas, 1987.

SOUSA SANTOS, Boaventura de; MENEZES, Maria Paula (orgs.). **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010.